

> ARTIGOS

Ricardo Goldenberg
(?)

Reflexão concisa sobre o preconceito concernente à homossexualidade que viceja na instituição psicanalítica *lato sensu*, e sobre o discurso racionalizante e redutor com que é encoberta.

>**Palavras-chave:** Homossexualidade, psicanálise, ética, discurso

This is a brief reflection on the prejudice toward homosexuality present in the psychoanalytical institution as a whole and on the discourse through which this prejudice is rationalized and denied.

>**Key words:** Homosexuality, psychoanalysis, ethics, discourse

Sabemos (?) que a escolha sexuada se constrói e que tornar-se heterossexual é tão natural quanto tornar-se homossexual. Dizemos, sem pestanejar, que podemos parecer homens e sermos inconscientemente mulheres, ou vice-versa. Porém, na hora de qualificar um psicanalista, o esperamos heterossexual e com fantasias condizentes com seu gênero (para usar o eufemismo criado pela correção política). A clínica nos mostra diariamente que a homossexualidade não coincide com uma estrutura clínica. Logo, pode havê-los neuróticos, psicóticos ou, eventualmente, perversos (sem mencionar os episódios temporários de enamoramento, mais ou menos "platônicos", por um duplo duran-

te as análises). Entretanto, quantas vezes, a despeito de deixar o lesbianismo fora do jogo, não descobrimos este silogismo oculto por trás da má consciência dos bem-pensantes: excitar-se com o pênis do outro implica não querer saber da castração da mãe; homossexual se excita com o pênis do outro, logo, homossexual não quer saber da castração materna. Conclusão, é um perverso consagrado ao falo maternal.

Há entre nós psicanalistas de comprovada excelência que por acaso também são homossexuais. Ninguém ousaria desaboná-los (ao menos, não na cara deles) com o argumento da perversão. Isso não impede a proliferação de maniqueísmos do

tipo: se a psicanálise consiste em levar o paciente a se defrontar com a "falta no Outro" que o homossexual recusa, então, a este último não lhe cabe o lugar do psicanalista.

Não seria mister ocupar-se de semelhantes asneiras se elas não tivessem tido o poder de levar analistas sem ambages a ter que esconder cuidadosamente a sua condição (?) por medo de verem comprometido seu ganha-pão. Nossos colegas homossexuais (e digo isso como diria: estrangeiros, negros ou judeus) se comportam como "enrustidos" (?). Mas, será que têm alternativas? Pode-se esperar que vão contra os preconceitos da sociedade em que vivem? Não deixa de ser irônico, contudo, que seja justamente quem entendeu melhor as determinações da homossexualidade e que poderia introduzir as nuances de que tanto precisamos ao abordar este tema; quem melhor ajudaria a dissipar os mal-entendidos que oneram o debate dentro e fora da psicanálise, esteja condenado à sombra e ao silêncio para não ver arranhado o *semblante* de que precisa para se manter nos circuitos sociais da demanda psicanalítica.

Da demanda psicanalítica, já que se fosse circular no mundo das artes, da moda, do entretenimento ou da publicidade, a história seria bem outra. Como tampouco dá para dizer que hoje um médico, um engenheiro ou um advogado vivam grandes conflitos em suas respectivas profissões por conta da homossexualidade. Que até o Exército e a Igreja estejam discutindo o *status* dos invertidos nos seus quadros deveria envergonhar ainda mais os psicanalistas com seu anátoma silencioso. Eles, que descobriram a não-inerência do objeto à pulsão, eles, à boca pequena,

cobram para os membros da sua instituição uma tal inerência pelas vias de uma normatização pós-edípica.

Dirão que ninguém tem nada com a vida privada dos colegas, e que são irrelevantes para o exercício da psicanálise as suas práticas eróticas. Ou, por outra, que eles não precisam fazer qualquer fé pública de suas preferências sexuais, não mais do que qualquer outro cidadão, homossexual ou não. Como deixar de concordar com isso? Entretanto, se tão insignificantes fossem, uns e outros não se empenhariam tanto em ocultá-las, até o ponto de ser considerado tabu mencionar o tema (a homossexualidade dos analistas) na frente de um paciente em análise com um deles, por medo de embaralhar a transferência (?) ou atrapalhar o tratamento (?). E tudo isso sem que nada obste a que se siga declarando que "na transferência se é o que o paciente quiser: homem, mulher, bicho, jovem, velho ou criança". Haveria que acrescentar, sim, desde que homem seja homem e mulher, mulher.

Enfim, da minha parte, acredito que se tivéssemos ao menos um depoimento (não conheço nenhum, em língua nenhuma) de como um homossexual (seja qual for seu sexo) se tornou psicanalista — chame-se a isso "passe" ou qualquer outro nome que se queira dar-lhe —, teríamos ao menos liberado o caminho para tentar uma teoria do final da análise nesta particular conjuntura em relação ao falo e à fantasia fundamental. Teríamos, sobretudo, ganho a possibilidade de *discutir* a questão, em vez de fazer de conta de que questão não há. Graças à sua análise, por exemplo, um homem passou de ser um analista homossexual a ser um homossexual analista. E não é o caso de afirmar

que a ordem dos fatores não altera o produto, já que, neste caso, se tratava de dissolver a crença de que se era analista enquanto ser sexuado. Posição que comandava uma certa militância *gay*, por não dizer, um certo exibicionismo, mais sintomático que político. Livrar-se disso, além de introduzir uma certa discrição (não disse repressão, nem recalque) na vida cotidiana, abriu-lhe as portas para entender de que fantasia fundamental estava feito seu desejo de psicanalista.

Artigo recebido em junho/2002

Aprovado para publicação em agosto/2002

PSICOWAY

**Profissionais e Instituições
de saúde mental –
www.psicoway.com.br**

Faça seu evento, curso, seminário ou
lançamento um sucesso!!!

Utilize nossos serviços de mala
direta via web

Eficaz: População selecionada

Divulgação permanente: Por se
tratar de uma mala direta associada a

um site, temos constantemente
aumentado nosso número de e-mails

Rapidez: Em questão de horas seu
e-mail terá sido enviado

**Ligue: (0xx11) 3086-0689/
9655-0360**

e-mail: psicoway@psicoway.com.br



escuta

Os 10 mais vendidos em junho de 2002

1º

Depressão, estação psique
Daniel Delouya

2º

Clínica da melancolia
Ana Cleide Moreira Guedes

3º

Superego
Marta Rezende Cardoso

4º

*Psicanálise e educação.
Questões do cotidiano*
Renate Meyer Sanches

5º

Hipocondria
M. Aisenstein, A. Fine, G. Pragier (orgs.)

6º

Dos benefícios da depressão
Pierre Fédida

7º

A paixão silenciosa
M. Helena de Barros e Silva

8º

O conceito de repetição em Freud
Lúcia Grossi dos Santos

9º

O cálculo neurótico do gozo
Christian Ingo Lenz Dunker

10º

Hysteria
Christopher Bollas